

COMBATE ÀS BARATAS E «MUCHEM»

por JORGE MANUEL DE GOUVEIA E CRÓ

RESUMO: Põe-se em evidência um dos problemas de difícil solução e que é necessário enfrentar nas bibliotecas africanas: o ataque de insectos bibliófagos. A experiência de seis anos de África na B. N. M., permite ao A. a divulgação de um método económico e eficaz no combate às baratas e térmitas.

Dada a importância de que se revestem os problemas bibliossanitários que, infelizmente, até hoje pouco têm preocupado as entidades responsáveis no nosso país, aliás em paralelo com o que acontece com tudo o que se relaciona com bibliotecas e arquivos e bibliotecários e arquivistas, cremos ser útil levar ao conhecimento daqueles que num esforço inglório lutam na medida das suas possibilidades para debelar as pragas que, em maior ou menor escala atacam as espécies bibliográficas, os resultados de algumas experiências embora sem qualquer carácter científico.

Sabemos que, isoladamente, se têm feito algumas desinfestações, nomeadamente na Biblioteca Nacional de Lisboa, há alguns anos e, agora, antes dos livros darem entrada no novo edifício; também na Faculdade de Letras de Lisboa, nas antigas instalações, se fez uma desinfestação com gasoperene, de resultados nulos, mas a empresa que procedeu a esses trabalhos repetiu-a no novo edifício, então com gás cianídrico, obtendo-se óptimos resultados. Já lá vai, porém, mais de uma dezena de anos e, nesse lapso de tempo, os insectos bibliófagos, certamente, voltaram ao seu trabalho de destruição.

É verdade que existe nesta Faculdade uma câmara de espurgo e os respectivos aparelhos, mas sempre pensámos que foi mais uma centena de contos deitada fora, pois não existe pessoal habilitado para manipular gases tão tóxicos como o cianídrico, nem apto a fazer um isolamento perfeito dos depósitos. O recurso a técnicos de empresas especializadas torna-se difícil por carência de verbas, pois nem o facto de existir aparelho próprio reduz as despesas. Quer dizer que a aparelhagem existente foi e é absolutamente inútil. Aliás, quando dirigíamos essa Biblioteca, chamámos a atenção de quem de direito para o facto, mas parece-nos que a vontade de impingir o aparelho era tão forte que não conseguimos convencer os técnicos da sua inutilidade.

Mais uma ou outra biblioteca, de tempos a tempos, tem feito uma desinfestação geral, mas são tão raras que, praticamente, se podem considerar como excepções.

Por tudo isto, cremos que a experiência de cada um, embora sem bases científicas, pode contribuir grandemente para generalizar o conhecimento de drogas e processos baratos e de fácil aplicação que, em determinados lugares e condições, se tornaram eficazes para reduzir, eliminar ou afastar os causadores das depredações provocadas por insectos inimigos das bibliotecas e arquivos.

Assim, os conhecimentos empíricos conseguidos neste campo por aqueles que se interessam pelos livros poderão ser muito úteis mas, para tanto, torna-se necessária a sua divulgação.

Nesta ordem de ideias, e, sobretudo, porque temos verificado que, mesmo aqui, em Moçambique, a quase totalidade das pessoas ligadas às bibliotecas e arquivos desconhecem um produto de cómoda aplicação mas de extraordinária eficácia, sobretudo no combate às baratas e «muchem» (formiga branca) resolvemos, finalmente, dar algumas indicações sobre os resultados obtidos em seis anos de África. E a experiência é tanto mais concludente quanto é certo ser difícilimo repeti-la com livros arrumados, ou melhor, empilhados em tão adversas condições de salubridade: com efeito, a pequena vivenda onde a Biblioteca Nacional de Moçambique esteve instalada e onde parte das observações foram feitas, reunia as condições mais do que necessárias para que nunca lá se pusessem livros. No entanto, aí se amontoaram, durante dois longos anos, cerca de 70 000 volumes, em pilhas que chegavam por vezes a ultrapassar os 2,5 m de altura e de tal modo juntas, que dificilmente se podia transitar no acanhado imóvel.

É verdade que uma firma especializada fez uma prévia desinfestação, abrindo mesmo em toda a volta do edifício uma vala onde foram lançados produtos para evitarem a entrada da «muchem». Mas os resultados não foram duradouros, porquanto todo o terreno e árvores em volta do edifício eram campo de acção dessa terrível formiga branca, sobretudo uns montes de tábuas velhas que aí foram abandonadas pela entidade que se encarregou de mandar arranjar a referida vivenda. Como foram infrutíferas todas as tentativas para as retirar, mandámos, mais tarde, destruí-las pelo fogo. Também a garagem, onde um determinado serviço amontoou papéis e móveis velhos, era um produtivo centro de criação de baratas e «muchem».

Nestas circunstâncias, e não obstante mais de uma dezena de contos gastos para preservar o edifício desse flagelo, logo que o ocupámos lá surgiram os dois maiores inimigos dos livros que nos têm aparecido em África. Contra eles utilizámos todos os produtos à base de DDT, e outras drogas que encontrámos no comércio local, mas sem qualquer resultado eficaz.

A «muchem», a mais devastadora, seria a mais fácil de combater, se fosse possível verificar os montes de livros, dada a facilidade com que se notam as características galerias de barro que o insecto constrói. Porém, a dificuldade estava precisamente em levar a efeito essa verificação, pois era um problema sério a deslocação de rimas de livros, numa casa onde não havia qualquer espaço livre.

O caso das baratas era mais complicado, por se deslocarem rápida e constantemente e nenhum dos produtos vulgares as exterminava por completo, ou porque se tornavam resistentes, ou porque novas levas se iam instalar na Biblioteca.

O problema, decerto, podia ser resolvido radicalmente fazendo uma desinfestação geral com produtos mais activos, nomeadamente o gás cianídrico, mas os resultados seriam apenas temporários visto que sobejavam pontos de entrada para essa praga que infesta Lourenço Marques, e estava fora dos nossos orçamentos uma repetição frequente do tratamento.

Verificando que as baratas tinham uma predilecção quase absoluta pelos livros encadernados, entre os quais davam nítida preferência aos encadernados com percalina, carneira, papel e algumas variedades de tela, conseguimos, finalmente, uma solução parcial: tivemos de aceitar (na medida em que não as podíamos liquidar todas) a convivência das baratas, embora sempre em «pé de guerra», mas evitámos que as encadernações continuassem a ser destruídas, graças a um processo simples, económico e cem por cento eficaz.

Assim, mandámos que todas as encadernações fossem passadas com um bocado de algodão ou pincel embebido em Lushtox — produto manufacturado pela Lush Products (Prg) Ltd. Durban — que indicamos sem qualquer intuito de reclame comercial e que é feito à base de 5% de produto actuante, que é o pentaclorofenol. Este tratamento foi aplicado mesmo nos livros encadernados com materiais que normalmente não são atacados pelas baratas: lona, caqui e certas qualidades de tela.

Logo que tenha secado, o livro pode regressar ao seu lugar e fica imunizado, pelo menos por 5 anos, (período da nossa experiência), contra as depredações ocasionadas pelas baratas.

No entanto o Lushtox, quando aplicado sobre papéis lustrosos, tira-lhes o brilho, que é fácil de restituir, procedendo a nova envernização que adere perfeitamente e não altera as propriedades do produto antiséptico. Por isso, sempre que possível, é conveniente aplicar o Lushtox antes de envernizar, não só pela razão atrás apontada, mas ainda porque a secagem se fará muito mais rapidamente. A aplicação do Lushtox faz-se normalmente nas capas (na parte interior e exterior) e não deixa quaisquer manchas.

O ideal será, quando os livros são encadernados, fazer uma aplicação do produto directamente no cartão, embora não se deva prescindir de outra aplicação após o livro estar completamente pronto, mas como já se disse, antes de usar o verniz, pois assim a secagem é muito mais rápida.

Perante isto, parece que se resolveria o problema pincelando as estantes e o chão. Há porém um inconveniente: o líquido adere mal em estantes de aço e demora a secar, de maneira que as poeiras se acumulam e dão-lhe um aspecto desagradável. Quanto ao chão, sendo de mosaico, ou material semelhante, haveria ainda mais contra-indicações do que para as estantes, além de que acarretaria despesa inoportável, não só pela extensão de aplicação mas também porque as lavagens obrigariam a uma repetição frequente do tratamento. Só em estantes e soalhos de madeira essa aplicação seria viável.

Quanto à «muchem», embora sendo um tremendo destruidor, pior do que a barata, é, normalmente, muito mais simples de combater dada a relativa facilidade de se localizar em virtude das suas tão notórias galerias de barro. Porém, no nosso caso, o problema era mais sério porque os livros se amontoavam por todo o lado, tornando difícil a localização das típicas galerias.

Apesar de tudo, logo que a formiga branca apareceu, verificámos que, pulverizando-a com Lushtox, ela era exterminada rapidamente. Claro que, para isso, se tornava necessário destruir as galerias ou utilizar o produto em locais onde não estavam com a sua protecção característica, no meio de papéis soltos, etc.

Em dado momento ela fez a sua aparição numa pequena sala onde destruiu vários jornais. Mandámos pincelar parte do chão e da parede onde passavam as suas galerias, que, antecipadamente, foram inutilizadas. Verificámos então que as formigas que entraram em contacto directo com o produto morreram e as restantes não apareceram mais. Isto não obstante as galerias terem ligação com o exterior e os caixilhos de madeira das janelas estarem todos minados. E em mais dois compartimentos onde ela fez as suas galerias, até meio da parede, mandámos fazer com um pincel um semi-círculo de Lushtox, envolvendo o ponto mais avançado das galerias mas sem tocar nestas. Verificámos então que a «muchem» não avançou um centímetro sequer e que, tempo depois, desapareceu das galerias da sala. De outra vez, entraram pelo pavimento e inutilizaram vários jornais. Mandámos espalhar sobre os pontos de entrada o preparado a que nos temos vindo a referir: as atingidas directamente morreram, as outras desapareceram.

Quer dizer, tanto no caso das baratas como no da formiga, aquele produto parece funcionar mais como repelente do que como exterminador — salvo, como se disse, no caso de contacto directo.

Verificámos, também, que os livros tratados com Lushtox nunca apresentaram vestígios de qualquer traça, mas a verdade é que não podemos tirar conclusões seguras, porquanto a incidência dessa larva quase não se fez sentir até agora.

O maior flagelo em Moçambique, são as baratas. No edifício que actualmente ocupamos nunca apareceu a «muchem», mas as baratas, não obstante a utilização das várias drogas, continuam a passar, durante a noite, por grande parte da biblioteca. Vão sendo cada vez menos, mas já há muito tempo que os seus estragos são praticamente nulos, graças ao Lushtox.

Limitámo-nos a relatar, resumidamente, algumas observações feitas durante 3 anos, em relação à «muchem» e durante 5 em relação às baratas, sem quaisquer intuítos científicos e, tanto assim que nos contentámos em indicar os insectos pelos seus nomes populares. Existe no entanto, ainda outra razão para pôr de parte as denominações científicas: é que, felizmente para os biólogos, produtores de drogas, etc., e infelizmente para quem tem a seu cargo bibliotecas, arquivos, armazéns e para as donas de casa, Lourenço Marques é uma zona «privilegiada, riquíssima, quanto a variedades de formiga branca e baratas. Segundo informação de um distinto biologista residente há anos em Lourenço Marques, que trabalha no Instituto de

Investigação Científica e é assistente da Universidade, existem cá várias espécies e até vários géneros daqueles tão poucos agradáveis bichinhos, o que tem provocado o entusiasmo de entomologistas suecos e sul-africanos que se têm dedicado ao seu estudo.

Esse ilustre investigador, Senhor Dr. Gunderico Santos Ferreira, prontificou-se a enviar amostras da «muchem» e baratas àqueles cientistas para serem classificadas. Porém, por razões várias, esse envio não chegou a ser feito pelo que nos decidimos, assim mesmo, a dar a conhecer aos colegas o resultado das nossas observações, e de várias experiências que nos têm permitido uma razoável protecção ao livro, embora o processo não seja o ideal.